A FUNÇÃO DA TEORIA E CRÍTICA LITERÁRIA EM AMBIENTES DE ENSINO: A CONTRIBUIÇÃO DE ANTONIO CANDIDO

THE FUNCTION OF THE LITERARY THEORY AND CRITICISM IN LEARNING ENVIRONMENTS: ANTONIO CANDIDO'S CONTRIBUTION

DANIELE DOS SANTOS ROSAL

Resumo: Diante da importante contribuição de Antonio Candido para os estudos teóricos e críticos acerca da Literatura Brasileira, este artigo busca reler algumas de suas obras centrais a fim de perceber nelas, a partir de seu princípio analítico, uma proposta sólida para a formação e a atuação de professores de Literatura. Ao problematizarmos a função da teoria crítica e literária em ambientes de ensino e formação docente, verificou-se como o desenvolvimento teórico realizado por Candido contribui muito para a prática de ensino da Literatura, pois possibilita o aprofundamento nas camadas textuais e de significado das obras, tão necessário para a efetiva aproximação às obras de arte literária. Palavras-chave: Antonio Candido, literatura, ensino, formação docente.

Abstract: Before the important Antonio Candido's contribution to the theoretical and critic studies on Brazilian Literature, this article aims to re-read some of his central works in order to notice in them, from his analytic principal, a consistent proposal to the education and performance of Literature teachers. By problematizing the function of critic and literary theory in environments of teaching and teacher education, it has been verified how the theoretical development carried out by Candido highly contributed to the practice of Literature teaching, for it makes it possible to go deeper in the textual and in the meaning layers of literary works, which is so necessary for the effective approach to the literary work of art.

Keywords: Antonio Candido, literature, teaching, teacher education.

¹ Doutora em Literatura na Universidade de Brasília/UnB e professora de Literatura, no curso de Licenciatura em Língua Espanhola, e no Mestrado Profissional em Educação Técnica e Tecnológica do Instituto Federal de Brasília/IFB.

É inegável a contribuição de Antonio Candido para os estudos teóricos e críticos acerca da Literatura Brasileira. Sua obra compõe um cenário que demonstra de um lado uma apurada reflexão das obras literárias brasileiras, cujas análises transitam de autores como Cláudio Manuel da Costa ou Tomás Antônio Gonzaga, demonstrando um necessário retorno à nossa produção intelectual e literária do passado, como autores que são seus "contemporâneos", cuja obra está sendo produzida ao mesmo tempo em que o crítico se aproxima dela.

Um bom exemplo disso é seu texto "No raiar de Clarice Lispector", escrito em 1943, ao ler *Perto do coração selvagem*, lançado nesse mesmo ano. Sem o tempo necessário ou o espaço adequado para uma exposição de maior extensão, o crítico se propõe a pensar sobre esse novo romance colocando-o como parte de um sistema literário consolidado, relacionando-o com o que já se conhece e com aquilo que, para o gênero, está ainda em perspectiva. Essa análise proposta por Candido, apesar da brevidade, tem o intuito de penetrar na relação entre forma e conteúdo, já que o crítico constrói sua argumentação a partir de uma análise centrada, em especial, num dos capítulos, para, a partir dele, tecer sua crítica à totalidade do romance.

Vemos como nesse breve "comentário" se coaduna o princípio básico da postura crítica e intelectual de Antonio Candido: uma percepção histórica fundamentada na necessária percepção dos movimentos de ruptura e continuidade no âmbito estético — em relação íntima com a vida social —, percebidos por meio de uma necessária aproximação à obra em si. Constrói-se, portanto, em suas obras a seguinte máxima: um crítico que é antes de tudo um leitor.

Soma-se a isso o reconhecimento de que a obra de arte literária é essencialmente um mundo em si, tornando-se também um aspecto central nos escritos de Candido. Para o autor, o texto literário já contém um sentido, esse construído como um todo indissolúvel: "tudo é tecido num conjunto, cada coisa vive e atua sobre a outra" (CANDIDO, 2000a, p. 7). Assim, o resultado da análise não pode ser uma imposição do crítico que, como uma proposta de interpretação externa, busque adequá-la ao texto literário. O procedimento é, realmente, o inverso. Será a própria obra, a identificação de suas relações formais em conexão com o conteúdo, que encaminharão o olhar do crítico, para, perseguindo as marcas deixadas pelo escritor ou escritora, extrair da obra seu conhecimento inerente.

É nesse sentido que este artigo busca reler algumas obras centrais de Antonio Candido a fim de perceber nelas tanto a formulação e reiteração de seu princípio analítico — construído em confronto com as obras literárias em si — como ver nele uma proposta sólida que contribui enormemente para a formação e a atuação de futuros professores de Literatura. Ao realizar aproximações ao desenvolvimento crítico e teórico realizado por Antonio Candido, esta reflexão pretende problematizar a função da teoria crítica e literária brasileira em ambientes de ensino e formação docente. Há, nesta abordagem, uma preocupação historiográfica que tem por intuito retomar a produção intelectual deste importante crítico brasileiro a partir dessa chave de leitura específica: a formação de professores de Literatura e sua atuação em sala de aula.

Essa perspectiva — reler as obras candianas como contribuições para o ensino — se fundamenta, inclusive, em uma preocupação que se torna essencial ao próprio crítico, que parece buscar, por meio de sua produção textual, uma aproximação cada vez maior desse leitor/discente em formação, como podemos identificar em suas obras, fortalecendo-se a partir da década de 1980. Seus livros *O Estudo Analítico do poema* (1967), *Na Sala de aula: caderno de análise literária* (1985) e *A Educação pela noite e outros ensaios* (1987), por exemplo, demonstram muito bem esse interesse do crítico que, como professor, preocupa-se com a formação de seus futuros colegas de profissão. Neste artigo, devido à sua extensão, trataremos apenas das duas primeiras obras citadas.

Assim, a necessidade de problematizar a função da teoria crítica e literária brasileira em ambientes de ensino e formação docente tem nas aproximações ao desenvolvimento crítico e teórico realizado por Antonio Candido um campo extremamente fértil, pois suas obras, conforme se buscará mostrar a seguir, contribuem para construir uma formação docente baseada no que há de essencial na teoria crítica acerca da Literatura Brasileira, tendo como pressuposto o necessário contato com os textos literários. Um contato que, como veremos, deve ser real e efetivo, para assim serem estabelecidas as várias possibilidades de mediações e de recursos a serem desenvolvidos nos ambientes de ensino e aprendizagem para a devida aproximação aos textos literários.

1. O fazer crítico como contribuição essencial para a formação docente

Como enunciado anteriormente, a obra de Antonio Candido traz em sua diversidade uma unidade que pode ser estabelecida pela identificação de um princípio metodológico que se fundamenta em duas bases: a) contato íntimo com o texto literário, que possibilite a análise de sua estrutura formal inerente; e b) o necessário reconhecimento do movimento histórico, do qual a obra e o leitor se encontram. Tais bases tornam-se procedimentos em suas obras, colocando-se como, ao mesmo tempo, a formulação de uma teoria da análise das obras literárias e a própria análise em si.

A obra Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária (1965) é referência nesse aspecto. No "Prefácio à Terceira Edição", Candido reforça como se trata de uma obra que reúne ensaios cuja preocupação é debater com a crítica de seu tempo, ou seja, refletir sobre o procedimento mais usual para a análise literária de seus contemporâneos – caracterizado pelo crítico como paralelístico, pois analisa separadamente os aspectos estruturais e os aspectos sociais presentes nas obras.

Inserindo-se no debate, Candido propõe então ensaios que ora se concentram no fazer crítico propriamente dito, no qual serão estabelecidas as bases que fundamentam aquilo que se denominará de "crítica", ora se destinará a pensar sobre períodos específicos do sistema literário brasileiro, como o período colonial, de 1900 a 1945 e, em especial, a década de 1930. Os ensaios "Crítica e Sociologia" e "Estrutura Literária e função histórica" são, respectivamente, importantes exemplos dessa abrangência.

Para fins deste artigo, me concentrarei, principalmente, nesta proposta de formulação de uma crítica que se constitua como princípio metodológico que reconheça nas obras de arte literária a interpenetração entre forma estética e vida social. Perseguindo os passos do crítico, será possível estabelecer a importância de seus escritos para a formação docente e as práticas de ensino, já que neles estarão a configuração de métodos de aproximação necessários à Literatura, essa vista como forma privilegiada de conhecimento.

Candido, em especial em seu ensaio "Crítica e Sociologia", trata dos diversos níveis de relação entre a narrativa literária e a sociedade, buscando construir uma forma de análise e crítica que leve em consideração tanto a forma puramente estilística – como a que era privilegiada pelos estudos estruturalistas – como

o contexto e a realidade em que a obra se insere. O autor pretende, com essa reflexão por ele chamada de "tentativa de esclarecimento", estabelecer as bases necessárias para o reconhecimento da obra de arte literária como uma "forma orgânica", isto é, como uma totalidade na qual se constitui a "inter-relação dinâmica de seus elementos, exprimindo-se pela coerência" (CANDIDO, 2000a, p. 2).

Nesse sentido, o autor elucida de forma muito coerente esse caráter representacional da literatura na seguinte afirmação:

a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores da arte. (CANDIDO, 2000a, p. 5)

Isso demonstra como os processos sociais estão inseridos na produção literária tanto como mote ou tema, como na própria forma estrutural que dá à obra seu caráter de realização estética. Para Candido, essa relação entre texto narrativo e contexto se dá a partir de uma "interpretação dialeticamente íntegra" (CANDIDO, 2000a, p. 6), ou seja, deve-se perceber e fundamentar a compreensão do texto literário no reconhecimento – que se dá em forma de oposição e concordância – das estruturas próprias da narrativa com o contexto em que foi produzida e, principalmente, com a realidade na qual se baseou e a nova realidade criada por meio da representação.

Para o crítico, a obra literária é uma totalidade. Porém, para fins didáticos, é importante estabelecer, a princípio, uma divisão em duas partes: os elementos internos, os quais são os elementos escolhidos para dar forma à narrativa, sua estrutura textual e discursiva; e os elementos externos, que são o contexto no qual o autor e a própria obra estão inseridos, bem como a realidade primeira a ser representada e o resultado dessa produção representativa.

Apesar dessa necessidade didática de traçar uma divisão na obra de arte literária, Candido reitera que na produção artística esses elementos se mesclam, resultando em uma totalidade para o processo interpretativo: "o externo (no caso, o social) importa, não [somente] como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno" (CANDIDO, 2000a, p. 8 – grifo nosso).

Retomando o necessário reconhecimento da internalização do meio externo, a obra literária torna-se importante para a análise da sociedade, pois, além de ser produto de uma época, e por isso trazer intrinsecamente vestígios, traz consigo a representação das estruturas sociais tanto em sua forma narrativa, no texto em si, como nos elementos exteriores — como o tema, o ambiente, classe social, ângulo ideológico, entre outros —, garantindo assim "sua eficácia como representação do mundo" (CANDIDO, 2000a. p. 9).

Candido, portanto, em um excelente artigo de análise da obra *Memórias de um Sargento de Milícias* (1854), determina como "redução estrutural" (CANDIDO, 2005, p. 9) esse movimento de transposição artística realizada pelos escritores em transpor para sua obra literária os fatos e acontecimentos históricos de sua sociedade. Esse movimento é estrutural, pois assume não só o contexto da produção e a temática de seu enredo, mas também se mostra na própria fatura do texto, na formulação narrativa: "processo por cujo intermédio a realidade do mundo e do ser se torna, na narrativa ficcional, componente de uma estrutura literária, permitindo que esta seja estudada em si mesma, como algo autônomo" (CANDIDO, 2015, p. 9).

É importante notar que assim como a sociedade age profundamente sobre a obra de arte literária, essa narrativa, ao produzir uma nova realidade como forma representativa, exerce uma relação primeiramente arbitrária, para depois se tornar deformante da realidade, podendo confirmá-la ou contradizê-la, demonstrando "o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas" (CANDIDO, 2000a. p. 9).

Ao se preocupar em esclarecer como, a seu ver, o estudo crítico deve se constituir, Candido propõe uma reflexão muito original: a crítica literária deve se estabelecer seguindo os passos da própria constituição da obra de arte literária, ou seja, ler uma obra criticamente é perceber nela seus determinantes, identificar aquilo que a torna um mundo em si, formado por suas próprias leis e ordem; e somente a partir dessa identificação é possível analisá-la sob um viés crítico.

Ao fazer isso, Candido nos mostra como o fazer crítico é essencial para a formação discente e prática docente, pois por meio dele é possível reconhecer como se forma uma obra literária e, a partir desse reconhecimento, estabelecer

os métodos de como analisá-la, considerando sua complexa relação com a vida social. Assim, esse viés crítico se torna pressuposto para as práticas de ensino da Literatura Brasileira, já que por meio dele pode-se, efetivamente, encarar as obras literárias então produzidas como uma totalidade de conhecimento.

É necessário ressaltar como mesmo nesses ensajos, cujo ponto de partida não é a formação docente ou discente propriamente dita, o crítico se mostra preocupado com questões didáticas, que se misturam e se coadunam com a formação do crítico literário, demonstrando, pelo menos já inicialmente, como no estudo da Literatura os papéis do crítico, do professor e do estudante devem se imbricar sob as mesmas bases.

Nesse sentido, György Lukács, importante pensador do século XX citado por Candido no ensaio "Crítica e Sociologia", propõe que:

Cada "parte" de vida representada pela arte não corresponda a nenhuma parte determinada da vida, mas sim a uma totalidade particular da vida [...] ela fornece uma reprodução da real oscilação recíproca de necessidade e contingência nas proporções que correspondem à verdade do mundo representado. (LUKÁCS, 1982, p. 268)

Essa perspectiva que pensa a obra de arte para além de uma determinação factual a seu tempo ou, em oposição, a uma total sublimação do objeto artístico da vida social, é pré-requisito para um estudo da Literatura que realmente se aproxime do objeto estético e, analisando-o, como representação dos movimentos humanos na história, reconhecer o real papel da arte no mundo humano, ou seja, como trabalho, como expressão das potencialidades humanas, já que a obra de arte pode demonstrar como é preciso dar sentido ao mundo.

Reconhecer o quão é complexa a relação entre forma literária e processo social é essencial para qualquer aproximação à obra literária, pois é por meio desse reconhecimento que a definição de obra literária como forma e conteúdo se estabelece nos verdadeiros termos. Tema esse central na formação de estudantes e futuros professores de Literatura.

Além de trazer para o debate esse necessário reconhecimento da complexa relação entre arte e vida, Candido, nesse mesmo artigo, faz uma análise da obra Senhora (1874), de José de Alencar, na qual se ratificam os princípios metodológicos previamente estabelecidos e sua realização como mediadores para a aproximação ao conhecimento que se constitui no romance. Ao reconhecer esse romance típico do Romantismo brasileiro como um mundo em si, o autor busca identificar na própria obra, em suas relações entre forma e conteúdo, as marcas que permitam extrair da obra seu conhecimento inerente.

Candido inicia seu argumento afirmando que "o próprio assunto repousa sobre condições sociais que é preciso compreender e indicar, a fim de penetrar no significado" e para isso é necessário que o leitor/crítico identifique quando "esse traço social constatado é visto funcionando para formar a estrutura do livro" (CANDIDO, 2000, p. 7). Está claro, nessa afirmação, como o autor pretende demonstrar, na análise concreta de uma obra conhecida, o que denominou anteriormente como a internalização do elemento externo, ou seja, como o tema – confronto entre os mecanismos de compra e venda e a vida pessoal e amorosa – opera como constituinte estrutural da forma. Nas palavras do próprio crítico:

Se, pensando nisto, atentarmos para a composição de *Senhora*, veremos que repousa numa espécie de longa e complicada transação – com cenas de avanço e recuo, diálogos constituídos como pressões e concessões, um enredo latente de manobras secretas –, no correr da qual a posição dos cônjuges se vai alterando. (CANDIDO, 2000a, p. 7)

Essa análise realizada por Candido, como parte integrante de sua conceituação do ato crítico, permite ao mesmo tempo a fundamentação de suas categorias conceituais e um aprofundamento nas camadas cada vez mais internas de significado do próprio romance, permitindo que o leitor, ao apreender a relação entre forma e conteúdo, possa perceber adequadamente a obra como "la configuración artística de lo que existe" (LUKÁCS, 1976, p. 315), ou seja, representação das forças que coexistem na vida humana e que nem sempre são percebidas claramente na vida cotidiana.

Tal perspectiva é essencial para o professor de literatura. Reconhecer no objeto literário a sua potencialidade como conhecimento, perceber nele sua peculiaridade e buscar na sua relação entre forma e conteúdo o caminho de aproximação ao texto são princípios fundamentais para o processo de ensino e aprendizagem. Ao perder de vista qualquer um desses elementos, corre-se o risco de tornar a obra literária descolada da vida, inerte.

Partindo, então, do ato crítico – conforme configurado por Antonio Candido - como princípio metodológico privilegiado de acesso às camadas de sentido das obras literárias, tornando-se, por isso, tema essencial a ser estudado na formação de professores de Literatura, se passará agora para a análise das obras candianas construídas, prioritariamente, em ambientes de ensino.

2. O fazer crítico e o ensino: formação discente e de docentes

Diferentemente da obra Literatura e Sociedade, na qual por meio de ensaios críticos Candido pôde definir, por meio de um debate profícuo, os princípios teóricos e metodológicos da crítica literária, as obras O Estudo analítico do poema (1967) e Na sala de aula: caderno de análise literária (1985) são especificamente registros de sua prática docente, como professor na Universidade de São Paulo, Universidade Estadual Paulista de Assis (São Paulo) e em cursos no exterior.

Ao retomarmos cada um desses livros, tendo como chave de leitura da obra candiana a formação e atuação docente em ambientes de ensino, verifica-se como essas obras são muito mais que apenas registros de uma prática - por mais que o autor, em sua modéstia inconfundível, busque ressaltar isso nos Prefácios. Nelas é construída, como buscarei demonstrar, uma metodologia de ensino da Literatura que, baseada em seus pressupostos teóricos mais caros – a aproximação à obra em si e o necessário olhar para os movimentos da História - confirmam aquilo que pretendo demonstrar neste artigo: o necessário reconhecimento do fazer crítico como pressuposto para a formação e atuação dos professores de Literatura.

Composta logo após Literatura e sociedade e publicada antes de Vários escritos (1970) e Formação da literatura brasileira (1975), O Estudo analítico do poema inaugura, de forma mais explícita, a preocupação de Antonio Candido com o processo formativo de seus discentes. Sua "Explicação" nos mostra muito bem o contexto dessa publicação, nos indicando como se tratou de um interesse de seus colegas de Departamento e como os manuscritos foram sendo conhecidos.

Candido, ao se desculpar, explica as possíveis lacunas e o caráter fragmentário de seu texto. Porém, demonstra também - o que para esta abordagem se torna essencial – o seu processo de organização do ambiente de ensino, ou seja, salienta aspectos centrais da sua própria prática docente. O autor indica caminhos teóricos e metodológicos que estavam registrados em seus manuscritos mas que recebiam atenção diferenciada no contexto da aula, pois nessa "a matéria ia sendo não apenas desenvolvida, mas completada por elementos que não aparecem aqui [no registro]" (CANDIDO, 1996, p. 7).

Tal preocupação é reiterada na "Nota Inicial", de 1987. Nela, além de retomar o contexto em que a obra foi redigida e a forma como foi a público, Candido passa a refletir sobre o próprio ambiente de ensino, considerando já a passagem de 24 anos de sua primeira publicação, assim como das mudanças que a própria Teoria da Literatura e seu ensino haviam passado.

Candido expõe um elemento crucial para a formação docente: a necessidade de planejamento. Para o autor, havia um choque entre aquilo que nossa intelectualidade acreditava como estruturação de um ambiente para ensino e aprendizagem e aquilo que se viu com a vinda dos professores franceses e italianos para a USP. Enquanto esses se baseavam em um planejamento específico e em suas aulas faziam uso constante das notas, inclusive lendo-as nas aulas; os brasileiros acreditavam na necessária "mentalidade improvisadora", em que o bom mestre seria aquele em que todo o conteúdo fosse recuperado da memória, e não se necessitava "colar", como mencionado por um "velho professor secundário" (CANDIDO, 1996, p. 5).

Desses extremos, o então recente professor de Teoria Literária e Literatura Comparada propõe um planejamento do ambiente de ensino que seja, em primeiro lugar, "concebido e preparado antecipadamente" (CANDIDO, 1996, p. 5), o que inclui a redação por parte do docente daquilo que será tratado nas aulas e que poderá ser utilizado em momentos oportunos, pois um registro antecipado poderá assegurar a exatidão necessária dos aspectos conceituais a serem debatidos, juntamente com a necessária "naturalidade de comunicação", também crucial para as aulas de Literatura.

Candido aponta, nesse relato de sua prática, aspectos essenciais do ensino de Literatura no ambiente escolar, em diálogo constante com seus pressupostos teóricos já fundamentados e aqui brevemente elencados. Um professor de Literatura é, segundo Candido, um leitor e um crítico. Seu pressuposto inicial é a aproximação real e efetiva ao texto literário, este enquanto relação complexa entre forma e conteúdo. Após o reconhecimento dessa relação, o professor/ leitor/crítico deve se aproximar dos aportes teóricos que contribuirão para se

aprofundar nas camadas de sentido e significado do texto, reconstruindo na e pela leitura do texto literário o conhecimento nele inerente.

Sob este aspecto, não dá para não se admirar o esforço do professor Antonio Candido em levar para suas aulas aquilo que estava sendo produzido pelos poetas contemporâneos, considerando as marcas necessárias do movimento histórico na forma estética, pois não bastava tratar apenas dos poetas novos, mesmo que neles fosse possível encontrar "todas as modalidades de versos, desde os rigorosamente fixos até os mais livremente experienciais" (CANDIDO, 1996, p. 8), era essencial pensá-los de forma comparativa, apresentando de "maneira atualizada os 'clássicos'" (CANDIDO, 1996, p. 6). Há aqui, como pressuposto metodológico, a compreensão de Sistema Literário e de seus movimentos internos como a causalidade interna, por exemplo, que serão desenvolvidos em forma de conceito, posteriormente, em Formação da Literatura Brasileira (1975) e em outras obras.

Outro registro memorável de Candido nessa "Nota inicial", que, acredito, devamos levar bem a sério quando pensamos a formação e atuação do docente, é a sua dedicação à leitura das obras literárias e como os aspectos teóricos devem aparecer não como concepções prévias e isoladas, mas como mediações para a compreensão do conhecimento ali construído. Nas palavras do próprio autor:

O meu critério foi ensinar de maneira aderente ao texto, evitando teorizar demais e procurando a cada instante mostrar de que maneira os conceitos lucram em ser apresentados como instrumentos de prática imediata, isto é, de análise. (CANDIDO, 1996, p. 6)

Sejam os meses dedicados à leitura do poema "Louvação da Tarde", de Mário de Andrade, ou as pesquisas que se deram posteriormente, em forma de dissertação e teses, vê-se como há nos escritos de Candido uma importante reflexão sobre a atuação do docente de Literatura, essa intimamente vinculada ao exercício de crítica. Dar aula sobre Literatura é fazer crítica literária: uma crítica baseada no contato íntimo com o texto e, sobretudo, no debate profícuo com seus leitores.

Acreditando que há nos textos de Antonio Candido a formulação de um método que é ao mesmo tempo sobre o fazer crítico e sobre a atuação do professor de Literatura – e, por isso, o contato com seus textos no processo formativo docente se torna essencial –, passaremos a tratar de um outro livro também destinado à formação docente: *Na Sala de aula: caderno de análise literária* (1985).

Em diálogo com a "Nota Inicial" tratada anteriormente, essa obra também se coloca como um "registro dum tipo de ensino", nas palavras do próprio autor, constituindo-se como um "eventual ponto de apoio para professores e estudantes" (CANDIDO, 1986, p. 6). Assim, diferentemente da fragmentação apontada pelo próprio autor em *O Estudo analítico do poema*, a obra *Na sala de aula* se compõe como um todo analítico, em que se pressupõe a leitura prévia e atenta dos poemas analisados e propõe uma variedade de recursos que, como um conjunto, se tornam basilares para o estudo da poesia brasileira.

Candido, portanto, adverte, já a princípio, que essa obra registra reflexões realizadas entre os anos 1958 a 1960, como aporte para suas aulas de literatura brasileira na faculdade de Filosofia de Assis, em São Paulo, e que partem do contato íntimo com os poemas analisados, tornando-se uma proposta metodológica de ensino da Literatura, baseada no "conceito básico de estrutura como correlação das partes, e é visível o interesse pelas tensões que a oscilação ou a oposição criam nas palavras, entre as palavras e na estrutura, frequentemente como estratificação de significados" (CANDIDO, 1986, p. 5), corroborando com as outras obras já mencionadas.

Já em seu primeiro parágrafo, Candido ressalta a importância do enfrentamento do texto literário em relação aos aparatos teóricos que, como dito anteriormente, devem estar a serviço da compreensão necessária do texto. Nas palavras do autor:

Este caderno contém seis análises de poemas, que *procuram sugerir ao professor e ao estudante maneiras possíveis de trabalhar o texto*, partindo da noção de que cada um requer tratamento adequado à sua natureza, embora com base em pressupostos comuns. (CANDIDO, 1986, p. 5 – grifos nossos)

É importante ressaltar como essas "maneiras possíveis de trabalhar o texto" consideram ao mesmo tempo o fator artístico que lhe é inerente, ou seja, a relação entre forma e conteúdo que torna aquele texto único, e a teoria como um aporte para nos aproximarmos da interpretação que já está presente no próprio texto literário. Não se trata, sob este enfoque, de estabelecer uma interpretação, mas de captá-la em sua configuração na obra de arte literária.

Sendo, então, já uma interpretação, Candido (1986) pontua quais aspectos devem ser observados e como esse processo pode ser realizado. Duas observações são cruciais: os significados construídos em cada obra de arte literária são "complexos e oscilantes" e a arte literária consiste em uma "reelaboração" da matéria viva da vida humana que se organiza em uma "síntese" de elementos conscientes e não conscientes dispostos pelo autor.

A partir dessas observações, verifica-se como a leitura de uma obra literária e, consequentemente, a apropriação dela na formação discente e na prática docente, requer um olhar que contenha e considere a própria concepção de arte. Sem compreender que a obra literária é uma construção, uma reelaboração planejada, não se apreende a complexidade e oscilação dos significados, como mencionado pelo autor. Não basta, portanto, saber o que o autor quis dizer, é preciso apreender o que a obra, enquanto forma e conteúdo, diz; afinal:

A arte é uma manifestação particular dessa tendência geral. Ela é uma manifestação individual e social, de modo ao mesmo tempo contraditório e unitário e, por isto mesmo, é criadora de tipos. [...] autoconsciência do desenvolvimento da humanidade. (LUKÁCS, 2009, p. 35)

Nesse sentido, o ensino de Literatura deve pautar-se nesse confronto com o objeto literário nele mesmo, ou seja, no pleno enfrentamento do texto para, a partir dele, apreender a interpretação ali construída e reconhecer seu significado. Por isso que estudar literatura requer o exercício constante do fazer crítico. Um fazer que se pauta no próprio exercício de leitura do texto, considerando seus elementos constituintes e buscando na teoria aquilo que contribuirá para seu entendimento e não o movimento contrário.

É sob esse ponto de vista metodológico que Candido expõe um aspecto central no fazer crítico. Retomando a relação complexa entre forma e conteúdo, o autor afirma que: "o analista deve utilizar sem preconceitos os dados de que dispõe e forem úteis, a fim de verificar como (para usar as palavras antigas) a matéria se torna forma e o significado nasce dos rumos que esta lhe imprimir" (CANDIDO, 1986, p. 6). Como visto, nesse prefácio Candido retoma o princípio explorado em "Crítica e sociologia" (*Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária* – 1965), já mencionado, da internalização dos elementos externos, em que o conteúdo dimensiona a forma e essa lhe dá corpo e sustentação.

Reconhecida essa organização formal inerente das obras literárias, resta-nos uma pergunta: e como captar essa relação complexa entre forma e conteúdo nas obras literárias? Candido, ainda nesse prefácio, nos aponta um caminho:

Ler infatigavelmente o texto analisado é a regra de ouro do analista, como sempre preconizou a velha *explication de texte* dos franceses. A multiplicação das leituras suscita intuições, que são o combustível neste ofício. (CANDIDO, 1986, p. 6)

Novamente, Candido retoma em seu texto aquilo que, neste artigo, tomamos como ponto crucial de um método que é ao mesmo tempo sobre o fazer crítico e sobre a atuação do professor de Literatura. Trata-se do necessário contato com os textos literários. Um contato que pressupõe a compreensão da peculiaridade da forma estética e instiga o leitor a apreender sua constituição inerente por meio do reconhecimento de seus artifícios de construção.

Assim, esse leitor torna-se crítico e a teoria e crítica literária até então produzida torna-se um aparato disponível para contribuir nesse processo de apreensão da interpretação produzida pela própria obra e material essencial para as práticas de ensino. Não se impõe uma análise, pois esta é construída a partir da própria obra. Dessa forma, todo e qualquer aspecto inerente à forma e ao conteúdo, captados pela intuição, servem como caminho de captação do que a obra diz. Contudo, esta intuição, proveniente das sucessivas leituras, deve ser confrontada com a obra em si, conjugada na relação entre forma e conteúdo inerente à obra. Para essa confrontação, a teoria e a crítica já produzida tornam-se essenciais.

Tanto O Estudo analítico do poema (1967) como Na Sala de aula: caderno de análise literária (1985) contribuem imensamente para esse debate profícuo entre a necessária leitura (e releituras) das obras literárias a fim de estabelecermos os parâmetros de análise e a tradição teórica e crítica já consolidada, que contribuem para, quando verdadeiramente conjugadas, o aprofundamento nas camadas textuais e de significado de cada obra, na tentativa de apreender seu sentido complexo e oscilante.

É muito importante ressaltar a necessária conjugação entre essa tradição teórica e crítica acumulada e a leitura a ser realizada e renovada pelo leitor/crítico. Este consiste em um dos princípios basilares do método crítico de Antonio Candido, que este artigo pretendeu apontar e perseguir em algumas de suas obras.

Isso quer dizer que cada leitura, cada trabalho com um texto literário – seja uma obra contemporânea ou do século XVII – pressupõe leituras atentas que permitam ao seu leitor/crítico formular, mesmo que ainda como intuição ou apenas incômodo, pontos-chave para a análise, os quais, mesmo que ainda sem formulação concreta, subsidiem as leituras da tradição crítica e teórica.

Esse movimento que parte do texto literário para a teoria é, portanto, não apenas o princípio metodológico que encontramos nos escritos candianos, mas a fundamentação de uma leitura do texto literário que considera, ao mesmo tempo, a autonomia da obra de arte, como um mundo com suas próprias leis, e a complexidade e oscilação que os sentidos ali construídos se dão no real confronto da obra com a realidade.

Assim, a leitura da literatura nunca é algo inerte ou parada. Ao contrário, há sempre um movimento inerente: o olhar do leitor que sai de si para o mundo da obra, a obra que é parte de um momento factual específico que se universaliza e se confronta com a realidade, a crítica que se faz e se refaz também em confronto com a realidade, com a obra e com o leitor. Portanto, tal movimento deve ser constantemente repetido, a cada leitura de uma obra literária e, assim, deve necessariamente ser realizado nas salas de aula de Literatura.

As obras de Candido, não apenas as mencionadas neste artigo, traduzem a fidelidade do crítico, como um bom leitor, a este movimento inerente. Cada ensaio analítico se compõe desse olhar que vai para a obra, apreende seu mundo, o confronta com a realidade e com a tradição crítica, para, nesse movimento, construir seu significado. Significado esse que, em sala de aula, nas práticas de ensino, são sempre acrescidos, modificados, ampliados, pois nesse espaço, a partir do diálogo de diversos leitores, as obras literárias produzem ainda mais sentido.

É sob este aspecto que reside a força da obra literária, cujo reconhecimento se faz tão necessário nas aulas de Literatura, na formação discente e de docentes. É por isso que o texto literário precisa ser reconhecido como algo mais que uma produção linguística, como algo mais que um gênero textual a ser trabalhado pela escola. As obras de arte literária são memória da humanidade, nelas se configuram nossas contradições mais profundas e, como organização que é, nos revela uma possibilidade, uma perspectiva. Se é possível criarmos outro mundo – o mundo literário – também podemos transformar nossa realidade. A arte literária é prova concreta da potencialidade humana, da ação do homem que modifica o mundo e a si mesmo. Portanto, essencial não apenas às aulas de Literatura, mas, principalmente, à vida.

Referências

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CANDIDO, Antonio. *Na sala de aula: caderno de análise literária*. São Paulo: Ática, 1986. CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1989. CANDIDO, Antonio. *O estudo analítico do poema*. 3. ed. São Paulo: Humanitas Publicações, 1996.

CANDIDO, Antonio. No raiar de Clarice Lispector. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. O discurso e a cidade. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2015.

JAMESON, Frederic. O romance histórico ainda é possível? *Novos Estudos Cebrap*, São Paulo, n. 77, mar. 2007. p. 185-203.

LUKÁCS, Georg. Estética 1 – La peculiaridad de lo estético. Barcelona: Grijaldo, 1982.

LUKÁCS, Georg. *La novela histórica*. Traducción de Manuel Sacristán. Barcelona: Ediciones Grijalbo S. A., 1976.

LUKÁCS, György. Prefácio à edição húngara. *Arte e Sociedade. Escritos Estéticos 1932-1967*. Organização, introdução e tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Riode Janeiro: Editora UFRJ, 2009.